

## VIOLÊNCIA, BULLYING E INDISCIPLINA NA ESCOLA

### ***Bullying* Escolar: um estudo longitudinal sobre vitimação**

Paulo Costa<sup>1</sup> Rosana Coronetti Farenzena<sup>1,2</sup> Hugo Simões<sup>1</sup> Beatriz Pereira<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Instituto de Educação – CIEC – Centro de Estudos da Criança – Universidade do Minho – Portugal

<sup>2</sup>Faculdade de Educação – Universidade de Passo Fundo – Brasil

#### **Resumo**

A vitimação na escola está frequentemente ligada à intimidação, aos maus tratos, à rejeição ou aos abusos, entre pares. Na lógica de uma compreensão contextual e longitudinal da vida escolar de crianças e jovens, desenvolvemos um estudo sensível às especificidades das interações entre pares. Nesta perspetiva, a investigação realizada com alunos de escolas públicas portuguesas, tem como objetivo conhecer a incidência dos comportamentos de vitimação intra-geracional no 3º ciclo do ensino básico e a respectiva evolução ao longo de dois anos letivos, através da descrição e análise da frequência e das múltiplas formas de vitimação associadas ao género. Descrevemos e analisámos a prevalência das múltiplas formas de vitimação ocorridas entre pares, durante dois anos letivos (7º e 8ºanos) com o mesmo grupo de alunos, através de um questionário aplicado a 164 alunos (1º momento – Dezembro 2011), 172 alunos (2º momento – Junho 2011) e 160 alunos (3º momento – Junho 2012), com idades compreendidas entre os 11 e os 17 anos ( $\bar{X}=12,85$  e  $\sigma = 0,994$ ). Os resultados permitem leituras abrangentes e profundas do contexto de pesquisa, especialmente no que diz respeito à relação género e bullying. Também suscitam a retomada dos quadros referenciais do fenómeno, afirmados a partir dos primeiros estudos sobre o *bullying*.

Palavras-chave: *Bullying* – Vitimação – Género - Múltiplas formas

## INTRODUÇÃO

O *bullying* constitui um tema inevitável. Esse fenómeno, que logrou gozar de uma denominação única nos diversos contextos geográficos, conota-se como universal e inerente ao clima escolar, ganhando contornos de problemática global. Num curto espaço de tempo, que corresponde a não mais que três décadas, consolidou-se como um fenómeno colado a vida das escolas. De natureza processual, tem as propriedades de expandir-se nas linhas de tempo das vivências da escola e, de caracterizar a interatividade que pauta o clima institucional. Diferenciando-se de manifestações isoladas do quadro de violência escolar, o *bullying* ocorre quando comportamentos agressivos e de intimidação (Pereira, 2008) se manifestam de forma repetida (semanas, meses ou anos), com intenção de magoar outros que, por si só, não conseguem se defender devido a uma assimetria de poder entre pares (Olweus, 1993; Smith & Sharp, 1994; Solberg & Olweus, 2003). O termo *bullying*, está consolidado numa escala internacional, na perspectiva de que conceitua a prática do abuso sistemático de poder entre pares (Smith, Depra, & Rigby, 2004), provocado por um indivíduo ou mais e, perante uma vítima ou mais, através de um processo de agressão intencional e continuado (Olweus, 1993).

É uma tarefa exigente e indispensável diferenciar o *bullying* de outros comportamentos de agressão entre pares. Requer que sejam identificados os comportamentos envolvidos; como evoluem; as características de idade e o género; os diferentes tipos de participação dos pares (Fernandes & Seixas, 2012); bem como a observação das variáveis «intencionalidade, frequência/forma e assimetria de poder», subjacentes à manifestação do fenómeno.

É suficiente um olhar em profundidade para o nível de envolvimento em comportamentos de vitimação, para que se perceba tratar-se de uma

problemática multidimensional. Quatro tipos de vítimas foram identificados em estudo de (Shuster, 1999), a partir da percepção das próprias vítimas e dos seus pares. A saber, um grupo de alunos que não se percecionava como vitima e também não o era pelos pares «Não envolvidos»; um outro grupo que simultaneamente se autodenominava e era nomeado pelos pares como vítima «vítimas»; um terceiro grupo que não se autodenominava como vítima, embora assim tenha sido nomeado pelos pares «vítimas defensivas» e um último grupo de crianças e jovens que se autodenominavam como vítimas, embora não tenham sido nomeados pelos pares «vítimas sensíveis».

A problemática do *bullying* remete para uma disfunção multifatorial, referida em diversos estudos e, as suas variações estão associadas à frequência, duração e forma, entre outros fatores (Costa, Pereira, Simões, & Farenzena, 2011; Skrzypiec, Slee, Murray-Harvey, & Pereira, 2011). Os comportamentos de *bullying* podem ser manifestados de várias formas (Freire, Veiga Simão, & Ferreira, 2006; Martins, 2009; Olweus, 1999) por meio direto e/ou indireto. Estes últimos não são de fácil identificação. O *bullying* direto compreende as ações diretas à vítima, (Bjorkqvist, Lagerspetz, & Kaukainen, 1992; Carvalhosa, 2010; Genta, Menesini, Fonzi, Costabile, & Smith, 1996; Glover, Gough, Johnson, & Cartwright, 2000; Ramirez, 2001) do tipo verbal ou físico (Carvalhosa, 2010; Meyer, 2011; Olweus, 1993; Pereira, 2008). Inclui ações como bater ou ameaçar fazê-lo; dar pontapés; roubar objetos que pertencem a outros colegas; estragar os objetos dos colegas; extorquir dinheiro ou ameaçar fazê-lo; forçar comportamentos sexuais ou ameaçar fazê-lo; obrigar ou ameaçar os colegas a realizar tarefas contra sua vontade; insultar, chamar nomes ou colocar alcunhas contra a vontade do destinatário; goza; fazer comentários racistas e/ou que evidenciam qualquer defeito ou deficiência. Identifica-se por *bullying* direto aquele que ocorre «face a face» e se caracteriza por comportamentos de confrontação direta face ao sujeito-alvo, onde o agressor

e a vítima conhecem a identidade um do outro (Fernandes & Seixas, 2012; Olweus, 1993; Pereira, 2008; Rivers & Smith, 1994). O *bullying* indireto ocorre «por trás das costas», não existindo uma confrontação direta. Concretiza-se através de comportamentos manipulativos como o excluir sistematicamente do grupo de pares e/ou espalhar boatos com o intuito de destruir a reputação (Pereira, 2008). Na maioria das vezes o aluno-alvo encontra-se ausente, não existindo dessa forma a confrontação presencial, sendo comuns comportamentos de vitimação associados à manipulação de redes de amizade (categorizado como *bullying* relacional/exclusão social) ou ainda, à utilização das novas tecnologias de comunicação, onde as vítimas são atacadas num contexto virtual. Designa-se *cyberbullying* aos comportamentos de *bullying* com recurso à internet ou outro tipo de comunicação digital, com a utilização de redes sociais como sejam o facebook; hi5 ou twitter (Amado, 2010; Fernandes & Seixas, 2012).

Estudos desenvolvidos com crianças e jovens em situação de *bullying* (Costa, et al., 2011; Martins, 2009; Pereira, 2008) reforçam a existência de uma diferenciação quanto aos recursos utilizados nos comportamentos agressivos, que pode estar relacionada com as variáveis como sejam, idade e de género, entre outras. Dos estudos iniciais sobre o *bullying*, datados numa cultura com normativas rígidas para os comportamentos de género, emergiu a ideia de que se tratava de um fenómeno tipicamente masculino. Uma revisão crítica, que está em curso, permitiu relativizar esse pressuposto. Mantém-se, entretanto, ativa a ideia de que o recurso à violência física é uma prática comum ao território masculino.

Há notável corpo de publicações a indicar que os alunos do género masculino estão mais envolvidos no *bullying*, tanto como vítimas como agressores (Berger, 2007; Carvalhosa, Lima, & Matos, 2001; Liang, Flisher, & Lombard, 2007; Olweus, 1993). Também, que os primeiros recorrem preferencialmente às condutas violentas, diretas e antissociais, enquanto as

alunas tendem a utilizar expressões indiretas de violência, categorizadas como recursos de manipulação ou de exclusão social (Bjorkqvist, et al., 1992; Crick & Grotpeter, 1995; Fernandes & Seixas, 2012; Liang, et al., 2007; Matos, Negreiros, Simões, & Gaspar, 2009; Olweus, 1997; Rivers & Smith, 1994).

Ocorre que os limites das primeiras investigações estiveram condicionados à definição do comportamento agressivo físico, direto, «na realidade mais facilmente observável e, de facto, mais frequente entre os alunos rapazes», associando ao género masculino os índices mais elevados de envolvimento em episódios de *bullying*. (Fernandes & Seixas, 2012).

No âmbito dos resultados específicos de estudos desenvolvidos com o espaço de uma década, faz-se perceptível uma tendência que se manteve para a generalidade das constatações empíricas. Para Crick & Grotpeter (1995) as ações concretizadas pelo género feminino são mais de natureza relacional, onde as interações sociais são manipuladas para causar prejuízo no relacionamento entre pares, envolvendo ameaças de expulsão do grupo; exclusão proposital; comentários prejudiciais, entre outros, com o intuito de provocar a rejeição do grupo de pares. Para Bandeira & Hutz (2011) o género masculino utiliza preferencialmente a agressão física e a ameaça verbal, enquanto, o feminino as formas mais indiretas de *bullying*, como sejam, a intriga e a exclusão do grupo social, de tal forma que não é facilmente percebido.

A diferenciação manifestada em termos qualitativos (forma, diferentes formas e múltiplas-formas de vitimação de comportamentos de *bullying*) associados ao género, não assume a mesma correspondência em termos quantitativos, onde se verifica uma percentagem semelhante de envolvimento em comportamentos de *bullying* por parte de ambos os géneros (Bandeira & Hutz, 2011; Costa, et al., 2011; Fernandes & Seixas, 2012). Pelo que a constatação de que o género masculino se envolve, com maior frequência, em

atos de *bullying*, não deve ser instrumentalizada em favor da tese de uma agressividade natural e incontornável.

Pesquisas recentes não contradizem essa leitura do fenómeno, entretanto desvelam uma especificidade que torna inevitável a desconstrução da rotulagem de género, de orientação maniqueísta e normalizadora. Esses novos elementos, visibilizados no corpo de metodologias sensíveis a voz das crianças e jovens, sinalizam para um cenário não de igualdade, mas de grande proximidade, entre os géneros, nas formas de vitimação (Costa, et al., 2011). Faz-se, portanto, necessário um olhar crítico à tese primeira e generalista, do género masculino como portador de uma agressividade natural e incontornável. Gini e Pozzoli (2006) afirmam que as diferenças entre géneros estão no tipo de agressão utilizada e não na incidência de agressão.

Esta breve revisão da literatura evidencia a complexidade do fenómeno *bullying*. Compreendê-lo em profundidade e na abrangência da etiologia multifatorial que abarca exige estudos robustos, pelo que desenvolvemos uma investigação longitudinal, focalizada nas questões de género e às múltiplas formas de vitimação implicadas nessa variável.

## **Método**

### **Objetivos**

O presente estudo tem como objetivo conhecer a incidência dos comportamentos de vitimação entre pares no 3º ciclo do ensino básico e a respetiva evolução ao longo de dois anos letivos, através da descrição e análise da frequência e das múltiplas formas de vitimação associadas ao género.

## Amostra

O estudo foi realizado numa escola pública do ensino básico do norte de Portugal. A amostra corresponde ao total população para o ano de escolaridade (7ºano -2010/11 e 8º ano – 2011/12), a qual registou uma ligeira variação em termos de participação ao longo dos três momentos de recolha da informação (Tabela 1). Globalmente participaram 166 alunos, 86 (51,9%) do género feminino e 80 (48,1%) do masculino, com idades compreendidas entre os 11 e os 17 anos, com uma média global de idades de 12,84 e com o desvio padrão de 0,994.

Tabela 1 – Caraterização da amostra

Fases do estudo	Escolaridade	Total participantes	Género	Idade	
1ª Fase – Dez 2010	7ºano	164	Fem – 86 (52,4%) Mas – 78 (47,6%)	11-15 anos	$\bar{x} = 12,18$ $\sigma = ,599$
2ª Fase – Jun 2011	7ºano	172	Fem – 92 (53,5%) Mas – 80 (46,5%)	11-15 anos	$\bar{x} = 12,58$ $\sigma = ,708$
3ª Fase – Jun 2012	8ºano	161	Fem – 80 (49,7%) Mas – 81 (50,3%)	13-17 anos	$\bar{x} = 13,80$ $\sigma = ,840$
Total	7º e 8ºano	166	Fem-86 (51,9%) Mas -80 (48,1%)	11-17 anos	$\bar{x} = 12,84$ $\sigma = ,994$

## Instrumento

Definiu-se pela versão online<sup>32</sup> adaptada do questionário de autorrelato «*Bullying – a agressividade entre crianças no espaço escolar*» de (Olweus, 1989), adaptado à população portuguesa por (Pereira, 1997), autorizado pela DGIDC com o número de registo 0163700001, denominado por «*Bullying – A agressividade entre crianças na escola*» (Costa, et al., 2011). O questionário

<sup>32</sup> <https://www.surveymonkey.com/s/JM95WR9>

remete os participantes para as questões relacionadas com os comportamentos agressivos e intimidatórios que tenham ocorrido nas últimas 8 semanas (2 meses).

### **Procedimentos**

A escolha do 7º ano de escolaridade liga-se ao facto de o mesmo situar-se como um momento de transição de ciclo de escolaridade, caracterizando-se pela maior suscetibilidade para a ocorrência de comportamentos de vitimação/agressão entre pares em contexto escolar (Amado & Freire, 2002; Olweus, 1999). Os comportamentos agressivos e intimidatórios parecem atingir o seu auge aos 13 anos (Carvalhosa, 2010), idade que corresponde em termos de escolaridade ao 7º/8º ano. Para Meyer (2011) os comportamentos agressivos de carácter sexual, na sua vertente homofóbica e de assédio, constituem uma das formas mais prejudiciais na vida dos alunos em idade escolar, com especial incidência na puberdade (11 aos 14 anos).

Contemplamos de forma exigente e rigorosa, as questões éticas dos estudos com crianças e jovens, como a salvaguarda do livre arbítrio quanto a participar ou não na investigação, o direito ao anonimato nas respostas, a respetiva confidencialidade e o melhor destino do conhecimento resultante da investigação. A obtenção do consentimento informado, que atenda a estes procedimentos prévios é um fator protetivo às crianças, diante de investigações instrumentalizadas, invasivas ou abusivas (Alderson, 2005). Os diretores de turma do conselho de turma e os representantes dos encarregados de educação das turmas seleccionadas emitiram sua autorização.

A aplicação do instrumento foi realizada pelos próprios professores, após reuniões colegiadas de discussão sobre o tema e, de planeamento participativo da investigação. Os questionários foram aplicados em três momentos a todos os alunos que, de forma voluntária e informada decidiram participar, durante o



tempo regular de aula (Formação Cívica e Tecnologias de Informação e Comunicação).

Para efeitos de análise e tratamento estatístico dos dados recolhidos foram submetidos a processamento eletrónico, usando-se o *software Statistical Package for the Social Sciences (SPSS), Windows (versão 20)*.

### **Operacionalização de conceitos**

O *bullying* escolar diz respeito a uma forma de afirmação intencional e persistente de poder entre pares através das múltiplas formas de agressão e intimidação sobre uma ou mais vítimas. No presente estudo foram considerados dezassete comportamentos agressivos e intimidatórios reconhecidos pela literatura (Amado & Freire, 2002; Martins, 2005; Meyer, 2011; Olweus, 1993; Pereira, 2008; Sanmartin, 2006; Scheithauer, Hayer, Petermann, & Juger, 2006; Skrzypiec, et al., 2011), correspondendo cada um, a uma **forma de vitimação**.

Por diferentes **tipos de vitimação** consideramos seis, nomeadamente, físico, sexual, exclusão, verbal, *cyberbullying* e ameaça. Assim, adotamos a seguinte categorização **tipo/forma (s)** dos comportamentos agressivos e de intimidação: vitimação física (Bateram-me, deram-me murros ou pontapés; Tiraram-me coisas; Estragaram-me coisas); vitimação sexual (Tocaram em partes íntimas do corpo; Fizeram-me gestos obscenos para me magoar; Insultaram-me com nomes ou frases de natureza sexual); Vitimação por exclusão (Deixaram-me só porque não queriam se divertir comigo; Não me falaram para me magoar; Impediram-me de participar nas atividades dos meus colegas; Andaram a falar mal de mim e disseram segredos); vitimação verbal (Chamaram-me nomes ou gozaram-me de forma desagradável; Insultaram-me pela minha cor ou raça); Vitimação por *cyberbullying* (Ameaçaram-me através do telemóvel ou internet; Espalharam mensagens via telemóvel ou internet para

me fazer mal) e vitimação por ameaça (Ameaçaram-me com armas; Ameaçaram-me ou meteram-me medo; Obrigaram-me a dar-lhes dinheiro).

Tendo por base a categorização anteriormente referida vamos usar o termo «**diferentes formas de vitimação**» para designar comportamentos agressivos e de intimidação dentro de uma mesma categoria. A designação «**múltiplas formas de vitimação**» ou diferentes tipos de vitimação compreende os episódios resultantes de mais de uma categoria de vitimação.

Em relação à frequência da agressão e/ou vitimação, e no contexto dos estudos já realizados, consideramos que o número de vezes para que um aluno seja considerado vítima de *bullying*, corresponde ao seguinte critério: «bullying pouco persistente» (1 a 4 vezes) e «persistente» (5 ou mais vezes) relativo às últimas oito semanas.

### **Apresentação dos resultados**

Em termos globais verifica-se que 40,1% dos inquiridos referem ter sido vítimas de comportamentos agressivos intimidatórios, dos quais 30,2% foram vítimas de comportamentos de «bullying pouco persistente» (1 a 4 vezes) e 9,9% de «bullying persistente» (5 ou mais vezes). Acrescente-se que as situações de «bullying persistente» registaram maior aumento ao longo do estudo, comparativamente às restantes (Tabela 2).

Na primeira fase do estudo, constata-se que o envolvimento em comportamentos de vitimação ao longo do 7ºano regista uma descida dos valores de incidência (43,9% para 33,3%). Em relação ao 8ºano observa-se um aumento dos comportamentos de vitimação (43,2%), ou seja, com valores semelhantes ao 1º momento. No que diz respeito aos comportamentos de vitimação que ocorrem com maior «persistência» (5 ou mais vezes), observa-se um aumento ao longo dos dois anos letivos, de 7,9% para 11,9% (Tabela 2).

Os comportamentos de vitimação de «*bullying* pouco persistente» e «*bullying* persistente» associados à variável género não registam diferenças estatisticamente significativas ao longo das três fases do estudo (com exceção da 1ª fase nas categorias de diferentes formas de vitimação física e exclusão social), no entanto, verifica-se uma trajetória diferenciada ao nível do género. No género feminino, observa-se uma participação decrescente em termos de envolvimento em episódios de vitimação, passando de 41,9% (1ª fase), para 32,6% (2ª fase) e 38,7% (3ª fase). Relativamente ao masculino, confirma-se um aumento, passando de 46,2% (1ª fase) para 48,1% (3ª fase). Tendo por referência a frequência dos episódios de vitimação, observa-se que na 1ª fase do estudo o género masculino registou valores superiores ao feminino nas situações de *bullying* pouco persistente (1 a 4 vezes) e persistente (5 ou mais vezes). Na 3ª fase do estudo, o género feminino apresenta valores superiores ao masculino na vitimação persistente (5 ou mais vezes), enquanto na vitimação pouco persistente (1 ou 4 vezes) o masculino apresenta valores superiores ao feminino (Tabela 2).

Tabela 2 – Frequência da vitimação associado ao género

Fases do Estudo	n	Amostra			Feminino			Masculino			p
		Nenhuma vez	1 a 4 vezes	5 ou mais vezes	Nenhuma vez	1 a 4 vezes	5 ou mais vezes	Nenhuma vez	1 a 4 vezes	5 ou mais vezes	
1º Fase – Dez 2010 N=164	%	92 56,1	59 36,0	13 7,9	50 58,1	30 18,3	6 7,0	42 53,8	29 37,2	7 9,0	NS
2º Fase – Jun 2011 N=171	%	114 66,7	40 23,4	17 9,9	62 67,4	22 23,9	8 8,7	52 65,8	18 22,8	9 11,4	NS
3ª Fase – Jun 2012 N=161	%	91 56,9	50 31,3	19 11,9	49 61,3	21 26,2	10 12,5	42 51,9	29 35,8	9 11,1	NS

\*p≤0,05 \*\*p≤0,01 \*\*\*p≤0,001

Considerando-se as diferentes formas de vitimação associados à frequência «bullying pouco persistente» (1 a 4 vezes) e «bullying persistente» (5 ou mais vezes), durante as três fases do estudo, verifica-se que em termos globais a vitimação por exclusão (25%) foi a que registou maior percentagem de envolvimento ativo, seguida pela categoria vitimação física (21,7%), verbal (19,3%), ameaça (10,5%), sexual (9,3%) e *cyberbullying* (4,5%). Atendendo que a recolha dos dados foi realizada durante dois anos consecutivos, verifica-se uma tendência semelhante relativamente à evolução das diferentes formas de vitimação, registando-se uma variação quanto à respetiva incidência (Tabelas 3 a 8). Assim, em quatro das seis categorias referentes aos diferentes comportamentos de vitimação, se registou um aumento, nomeadamente, «física» (14,5%), «ameaça» (3,2%), «verbal» (0,4%), «*cyberbullying*» (1,3%), enquanto nas categorias, «exclusão» e «sexual», registou-se uma ligeira diminuição (0,5%) de episódios de vitimação entre pares.

Em termos globais verifica-se, através da Tabela 3, que a vitimação física regista valores superiores no género masculino (27,3%) comparativamente ao feminino (16,8%), assinalando-se diferenças estatisticamente significativas apenas na 1ª fase do estudo. Considerando a análise longitudinal (1ª e 3ª fase), o género feminino regista um maior aumento médio (15,7%) dos

comportamentos de vitimação física comparativamente ao masculino (14,7%). Os resultados indicam que na 3ª fase ambos os géneros registam valores relativos superiores comparativamente às restantes fases. Consequentemente, a vitimação expressa por agressões de forma direta e física registou um aumento ao longo do estudo.

Tabela 3 – Frequência das diferentes formas de vitimação física associado ao género

Vitimação	Amostra			Feminino			Masculino			p		
	Nenhuma vez	1 a 4 vezes	5 ou mais vezes	Nenhuma vez	1 a 4 vezes	5 ou mais vezes	Nenhuma vez	1 a 4 vezes	5 ou mais vezes			
<b>Física</b>	1 <sup>o</sup> Fase	n %	138 84,1	26 15,9	0 0	78 90,7	8 9,3	0 0	60 76,9	18 23,1	0 0	** p=,01
	2 <sup>a</sup> Fase	n %	140 81,4	28 16,3	3 1,7	77 83,7	15 16,3	0 0	63 78,8	13 16,2	3 3,8	NS
	3 <sup>a</sup> Fase	n %	112 69,6	45 28,0	3 1,9	60 75,0	19 23,8	1 1,2	52 64,2	26 32,1	2 2,5	NS

\*p≤0,05 \*\*p≤0,01 \*\*\*p≤0,001

Os comportamentos de vitimação na categoria exclusão, constituída pelas ações destruidoras ou de controlo/manipulação e maldosa das relações sociais do aluno vítima, no presente estudo constitui a categoria que regista maior frequência (25%) em comparação às restantes. Observa-se que ao longo do estudo, a vitimação por exclusão em termos globais registou um ligeiro decréscimo (28% para 23%). Relativamente à frequência de episódios de *bullying* «pouco persistente», também se verificou uma descida (7,6%), em oposição os episódios de vitimação de *bullying* «persistente», que registou um aumento de aproximadamente 2%.

A vitimação por exclusão quando associada ao género revela que o género feminino (27,9%) apresenta maior envolvimento em episódios de *bullying* comparativamente ao masculino (20,8%), em todas as fases do estudo, registando-se apenas diferenças estatisticamente significativas entre os géneros na 1<sup>a</sup> fase do estudo. Em termos longitudinais o género feminino apresenta globalmente uma diminuição (36% para 25%) da vitimação por exclusão. Em relação aos intervalos de frequência, constata-se que o género feminino registou uma diminuição nas situações «*bullying* pouco persistente» (33,7% para 20%) e um aumento nas situações de «*bullying* persistente» (2,3% para 5%). O género masculino regista um aumento (19,2% para 20,2%) ao longo do estudo, embora registe uma tendência semelhante ao feminino relativamente aos intervalos de

frequência, ou seja, uma ligeira diminuição no «bullying pouco persistente» (17,9% para 17,3%) e um aumento das situações de «bullying persistente» (1,3% para 2,5%).

Tabela 4 – Frequência das diferentes formas de vitimação por exclusão associado ao género

Vitimação	Amostra			Feminino			Masculino			p		
	Nenhuma vez	1 a 4 vezes	5 ou mais vezes	Nenhuma vez	1 a 4 vezes	5 ou mais vezes	Nenhuma vez	1 a 4 vezes	5 ou mais vezes			
<b>E</b> <b>x</b> <b>c</b> <b>l</b> <b>u</b> <b>s</b> <b>ã</b> <b>o</b>	1 <sup>o</sup> Fase	n %	118 72,0	43 26,2	3 1,8	55 64,0	29 33,7	2 2,3	63 80,8	14 17,9	1 1,3	* p=0,05
	2 <sup>a</sup> Fase	n %	133 77,3	32 18,6	6 3,5	71 77,2	18 19,6	3 3,3	62 77,5	14 17,5	3 3,8	NS
	3 <sup>a</sup> Fase	n %	124 77,0	30 18,6	6 3,7	60 75	16 20	4 5,0	64 79	14 17,3	2 2,5	NS

\*p≤0,05 \*\*p≤0,01 \*\*\*p≤0,001

Em relação à vitimação verbal observa-se que, em termos globais ao longo do estudo, ocorreu um ligeiro aumento (20,7% para 21,1%). Em relação à frequência de episódios de *bullying* «pouco persistente», também se verificou um aumento (17,1% para 19,3%), em oposição aos episódios de vitimação de *bullying* «persistente», que diminuiu (3,7% para 1,2%).

Em termos longitudinais o género feminino apresenta globalmente um aumento do envolvimento em situações de vitimação verbal (17,4% para 22,5%), enquanto o masculino regista uma diminuição (24,4% para 19,8%). Em relação aos intervalos de frequência, observa-se que o género feminino com uma participação crescente nas situações «bullying pouco persistente» (15,1% para 22,5%), enquanto nas situações de «bullying persistente» não se constata qualquer envolvimento. O género masculino regista uma diminuição no «bullying pouco persistente» (19,2% para 16%) e um aumento das situações de «bullying persistente» (5,1% para 2,5%). No entanto, na 3<sup>a</sup> fase do estudo o género feminino nas situações de vitimação «pouco persistente» regista valores relativos superiores ao masculino com um aumento de 7,4% face à 1<sup>a</sup> fase.

Tabela 5 – Frequência das diferentes formas de vitimação verbal associado ao género

Vitimação	Amostra			Feminino			Masculino			p
	Nenhuma vez	1 a 4 vezes	5 ou mais vezes	Nenhuma vez	1 a 4 vezes	5 ou mais vezes	Nenhuma vez	1 a 4 vezes	5 ou mais vezes	



<b>V</b>	<b>e</b>	<b>r</b>	<b>b</b>	<b>a</b>	<b>i</b>	1 <sup>o</sup> Fase	n	130	28	6	71	13	2	59	15	4	NS
						Fase	%	79,3	17,1	3,7	82,6	15,1	2,3	75,6	19,2	5,1	
						2 <sup>a</sup> Fase	n	144	25	2	81	10	1	63	15	1	
Fase	%	83,7	14,5	1,2	88,0	10,9	1,1	78,8	18,8	1,2							
3 <sup>a</sup> Fase	n	127	31	2	62	18	0	65	13	2	NS						
Fase	%	78,9	19,3	1,2	77,5	22,5	0	80,2	16	2,5							

\*p≤0,05 \*\*p≤0,01 \*\*\*p≤0,001

Os comportamentos de vitimação na categoria «ameaça», situa-se no presente estudo na quarta posição (10,5%), comparativamente às restantes cinco categorias. Ao longo do estudo a vitimação por «ameaça» em termos globais registou um aumento (9,8% para 13%). No entanto, relativamente à frequência de episódios de «bullying pouco persistente», também se verificou uma subida (8,5% para 11,8%). Em oposição, os episódios de vitimação «ameaça persistente», têm pouca expressão. A vitimação com recurso à «ameaça» quando associada ao género indica que ambos os géneros registem um aumento ao longo dos dois anos consecutivos, constituindo o género masculino o grupo que manifesta em média maior percentagem de envolvimento (13,7%) ao feminino (7,4%).

Relativamente à evolução, o género masculino também regista valores superiores (aumento de 4,5%), comparativamente ao feminino (aumento de 1,8%). Nos episódios de «bullying pouco persistente» ambos os géneros manifestam um aumento ao longo do estudo, de forma mais expressiva no género masculino (4,5%). De salientar a ausência de comportamentos de vitimação por ameaça no género feminino na forma «bullying persistente», os quais também apresentam valores residuais no género masculino.

Tabela 6 – Frequência das diferentes formas de vitimação por ameaça associado ao género

Vitimação	Amostra			Feminino			Masculino			p				
	Nenhuma vez	1 a 4 vezes	5 ou mais vezes	Nenhuma vez	1 a 4 vezes	5 ou mais vezes	Nenhuma vez	1 a 4 vezes	5 ou mais vezes					
<b>A</b>	<b>m</b>	<b>e</b>	1 <sup>o</sup> Fase	n	148	14	2	80	6	0	68	8	2	NS
			Fase	%	90,2	8,5	1,2	93,0	7,0	0	87,2	10,3	2,6	

Amostra	Fase	n	Amostra					Feminino					Masculino					p
			Nenhuma vez	1 a 4 vezes	5 ou mais vezes	Nenhuma vez	1 a 4 vezes	5 ou mais vezes	Nenhuma vez	1 a 4 vezes	5 ou mais vezes							
2ª	n	157	14	1	86	6	0	71	8	1	NS							
	%	91,3	8,1	0,6	93,5	6,5	0	88,8	10,0	1,2								
3ª	n	140	19	1	73	7	0	67	12	1	NS							
	%	87,0	11,8	0,6	91,2	8,8	0	82,7	14,8	0,6								

\*p≤0,05 \*\*p≤0,01 \*\*\*p≤0,001

Observa-se através da Tabela 7, que a vitimação de caráter sexual em termos globais registou uma ligeira diminuição (10,4% para 9,9%). Quanto à frequência, os resultados globais apontam para um ligeiro decréscimo no intervalo de frequência de (8,5% para 7,5%) «bullying pouco persistente» e uma manutenção nos comportamentos de «bullying persistente». Os episódios de vitimação de caráter sexual associados às questões de género indicam, no presente estudo, um maior envolvimento médio do género masculino como vítima (13%) comparativamente ao feminino (5,8%).

Relativamente aos intervalos de frequência, constata-se que o género feminino manifesta um aumento de participação nas situações «bullying pouco persistente» (4,7% para 5%) e o género masculino, uma diminuição (12,8% para 9,9%). As situações de «bullying persistente» registaram uma manutenção, para ambos os géneros.

Tabela 7– Frequência das diferentes formas de vitimação de natureza sexual associado ao género

Sexual	Fase	n	Amostra			Feminino			Masculino			p
			Nenhuma vez	1 a 4 vezes	5 ou mais vezes	Nenhuma vez	1 a 4 vezes	5 ou mais vezes	Nenhuma vez	1 a 4 vezes	5 ou mais vezes	
Sexual	1ª	n	147	14	3	81	4	1	66	10	2	NS
		%	89,6	8,5	1,8	94,2	4,7	1,2	84,6	12,8	2,6	
	2ª	n	159	10	2	87	4	1	72	6	1	
	%	92,4	5,8	1,2	94,6	4,3	1,1	90,0	7,5	1,2		
3ª	n	145	12	3	75	4	1	70	8	2	NS	
	%	90,1	7,5	1,9	93,8	5,0	1,2	86,4	9,9	2,5		

\*p≤0,05 \*\*p≤0,01 \*\*\*p≤0,001

Os comportamentos de vitimação na categoria *cyberbullying* constituída por ações desestruturantes ou de controlo/manipulação maldosa das relações

sociais do aluno «vítima», com recurso às tecnologias de informação e comunicação, em particular nas redes sociais, onde destaca-se o *facebook*, configura-se, nesta pesquisa, como a categoria de menor frequência (valor médio 4,2%) em comparação às restantes. No entanto, ao longo do estudo, a vitimação por *cyberbullying* em termos globais registou um ligeiro aumento de 1,3%. Relativamente à frequência de episódios de «bullying pouco persistente», também se verificou uma subida (3,7% para 4,3%). Em oposição os episódios de vitimação de «*cyberbullying* persistente», não têm qualquer expressão. Na vitimação por «*cyberbullying*» nota-se uma percentagem de envolvimento muito semelhante entre os géneros, embora os valores que correspondem ao género feminino (4,4%), sejam ligeiramente superiores ao género masculino (4,1%).

Tendo por referência a evolução dos valores de envolvimento em comportamentos de *bullying* por *cyberbullying*, o género feminino regista uma manutenção e o masculino um ligeiro aumento ao longo do estudo. Observa-se apenas para o género masculino e com valores pouco expressivos, o envolvimento no «*bullying* persistente».

Tabela 8– Frequência das diferentes formas de vitimação por *cyberbullying* associado ao género

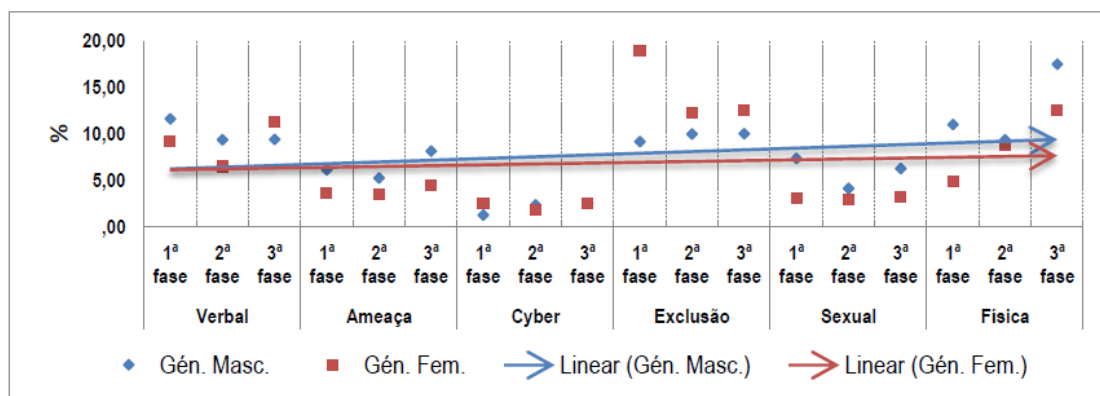
Vitimação	Amostra			Feminino			Masculino			p		
	Nenhuma vez	1 a 4 vezes	5 ou mais vezes	Nenhuma vez	1 a 4 vezes	5 ou mais vezes	Nenhuma vez	1 a 4 vezes	5 ou mais vezes			
<b>Cyber</b>	1ª Fase	n %	158 96,3	6 3,7	0 0	82 95,3	4 4,7	0 0	76 97,4	2 2,6	0 0	NS
	2ª Fase	n %	165 95,9	6 3,5	1 0,6	89 96,7	3 3,3	0 0	76 95	3 3,8	1 1,2	NS
	3ª Fase	n %	153 95,0	7 4,3	1 0,6	76 95,0	4 5,0	0 0	77 95,1	3 3,7	1 0,6	NS

\*p<0,05 \*\*p<0,01 \*\*\*p<0,001

A figura 1, apresentada a seguir, permite ver que os comportamentos de vitimação, na categoria «exclusão», predominam nas situações de *bullying*. O género feminino surge com maior envolvimento na vitimação por exclusão,

nas situações de «bullying pouco persistente» e «persistente». No entanto, em termos longitudinais, o género masculino registou um maior aumento comparativamente ao feminino, o qual registou uma diminuição de 11% (bullying pouco persistente+bullying persistente). Em relação à vitimação «física», o género masculino regista maior envolvimento comparativamente ao feminino, embora este último manifeste um maior aumento ao longo do estudo. Na vitimação «verbal», globalmente o género masculino regista um maior envolvimento, no entanto, o feminino na 3ª fase do estudo, apresenta valores superiores ao masculino, bem como maior aumento no que diz respeito ao envolvimento durante do estudo. A vitimação com recurso à «ameaça» associado ao género registou um maior envolvimento em comportamentos de vitimação pelo género masculino. Ambos os géneros manifestam uma tendência crescente ao longo do estudo em termos de vitimação por ameaça, sendo mais expressiva no género masculino. Na vitimação de natureza «sexual», também se observa uma maior participação do género masculino comparativamente ao feminino, embora em termos longitudinais se registre um aumento das situações de vitimação no género feminino, enquanto no masculino se verifica uma diminuição. Por último, na categoria «*cyberbullying*», o género feminino apresenta maior envolvimento nos comportamentos de vitimação, comparativamente ao masculino, apesar de em termos longitudinais o masculino registar um crescimento maior ao longo do estudo. Acrescente-se que as situações de «bullying persistente» registaram expressão em ambos os géneros nas categorias física, exclusão, verbal, sexual, enquanto nas categorias ameaça e *cyberbullying*, apenas o género masculino manifestou envolvimento.

Figura 1 – Evolução da frequência das diferentes formas de vitimação associados ao género



### Discussão dos resultados

Investigações desenvolvidas nas últimas duas décadas revelam que alunos em todo o mundo testemunham e reportam regularmente a experiência de *bullying* (Eslea, et al., 2004; Jimerson, et al., 2010; Olweus, 1993a; Rigby, 1997; Whitney & Smith, 1993). Dados do relatório da UNICEF sobre o bem-estar infantil em países europeus, revelam uma variação significativa associada à prevalência do *bullying* nos diferentes países. A variação de acordo com o referido relatório oscila de índices 15% de vitimação (em países como a Suécia) a superiores aos 40%, entre os quais se situa Portugal (UNICEF, 2007). A indicação de que aproximadamente metade da população pesquisada no presente estudo, sentiu-se ou sente-se vítima de comportamentos agressivos e intimidatórios no espaço escolar, confirma os altos índices apontados no estudo da UNICEF, bem como desnuda os limites, contradições e os desafios da escola. Uma instituição de acesso universal e obrigatório para toda uma geração não pode descuidar de olhar para o lugar em que está e para o que faz.

O estudo longitudinal que desenvolvemos liberta-se de alguns dos constrangimentos típicos das investigações pontuais, na medida em que supera a análise fragmentária e viabiliza um campo de conhecimento e de interpretação, detalhado e ampliado da vida na escola. Há particularidades importantes e variações nos comportamentos de género ao longo do tempo, quer seja nas

formas, quer seja no envolvimento com a vitimação. A persistência da vitimação mais intensa, que não cessa com o passar do tempo e com a progressão na escolaridade tem nuances significativas de género.

A vitimação corresponde, portanto, a uma realidade do quotidiano escolar e, como confirmam os resultados desta pesquisa longitudinal, perdura ao longo da escolaridade, acentuando-se nos casos de maior gravidade desde a origem. Pontos fulcrais da organização da escola emergem diante desse indicador, tais como a fragilidade democrática nas vivências e práticas institucionais; a precariedade da escuta das crianças e adolescentes que protagonizam essas interações; a sedimentação de um modelo socializador assentado no individualismo e na falta de confiança básica; as diferenças como favorecedoras de desigualdades; o alcance limitado e não problematizado (r) da intervenção educativa; a existência de modelos de interações do mundo adulto inspiradores do abuso de poder – o que ultrapassa o âmbito da escola -, entre outros.

A naturalização das violências entre pares, confirmada pela estabilidade do alto índice de vitimação, expõe uma cultura educativa alheia ao próprio contexto e que tarda ou falha, na intervenção, ao aceitar a vitimação como inevitável, episódica e com poder intrínscico de cessação. (Paul & Cillessen, 2007; Pereira, Costa, Melim, & Farenzena, 2011).

Tendo por referência o início do 7º ano de escolaridade e o final do 8º ano, fez-se possível constatar, em termos gerais, uma diminuição dos comportamentos de vitimação «bullying pouco persistente» (1 ou 4 vezes) e um aumento «bullying persistente» (5 ou mais vezes). Tal resultado aponta a uma condição de inoperância ou incapacidade institucional para identificar, intervir e transformar, em âmbito tão precoce quanto contínuo, perfis condicionados por comportamentos de agressão e/ou de vitimação. Da mesma forma, evidencia lacunas nos processos socializadores e de vivência cidadã, na medida em que

os observadores permanecem distantes da função ativa que poderiam exercer na evitação das violências entre pares. Os contornos dessa cristalização de papéis, que culmina em comportamentos reiterados de «bullying persistente», precisam ser compreendidos nas múltiplas dimensões da problemática, remetendo para as questões de género.

Os resultados requerem o devido detalhamento, para que as partes não sejam tomadas pelo todo. Os dados globais relativos à 3ª fase do estudo exemplificam quão complexa é a questão: o género feminino apresenta valores superiores ao masculino na vitimação «persistente», enquanto na vitimação «pouco persistente» o masculino apresenta valores superiores. Assim, observam-se *nuances* em cada um dos momentos que desconstroem os supostos de uma marca comportamental de género válida para o fenómeno do *bullying*.

Relativamente à frequência e às diferentes formas de vitimação de *bullying* associadas ao género, diversos estudos tem confirmado a transição de uma perspetiva inicial, defensora da forte relação entre o fenómeno *bullying* e o género masculino para outra, que o reconhece como fenómeno protagonizado por ambos os géneros (Costa, et al., 2011; Crick & Grotpeter, 1995). É neste eixo que se inscrevem os principais achados deste estudo. Considerando as 3 fases da investigação, verifica-se que o género feminino regista um crescente aumento nos comportamentos de vitimação de «pouco persistente» e «persistente», enquanto, o masculino apresenta uma diminuição na vitimação «pouco persistente» e um aumento da vitimação «persistente». No âmbito dos comportamentos de vitimação de *bullying*, os resultados do presente estudo confirmam não só variações de género, como a manutenção, com percentagem elevada, das formas de vitimação habitualmente atribuídas a crianças com idades inferiores.

O conhecimento e as interações produzidas são reprodutivas dos seus atores sociais, assim, as grandes lacunas socializadoras cumprem uma função de espelho da sociedade dos adultos. Descolar dos dados numéricos, sem perdê-los como referenciais de análise, para que se possa ampliar o olhar, levamos a refletir sobre as medidas disciplinares usualmente adotadas nas práticas educativas escolares. Estão encravadas num modelo de exclusão: destinar um lugar separado, isolado para o aluno transgressor; impedir-lhe o recreio, passeios escolares, quando não a prática da Educação Física ou do desporto escolar... Atividades situadas na zona das grandes preferências das crianças e jovens. O paradigma punitivo parece determinar o elenco das ações intergeracionais, levadas adiante em nome da mais eficaz ação educativa. Esse modelo, apropriado de forma autoral pelas gerações mais novas, e por isto diferenciado da simples reprodução manifesta-se, ao que tudo indica, de forma imprevisível e ainda não compreendida, nas socializações que se afirmam como tendências de convívio institucional. O decréscimo dos comportamentos de exclusão manifestados pelo género feminino, bem como a intensificação do uso desse recurso pelo género masculino, constatados ao longo do estudo, são indicadores para novos investimentos de pesquisa, na medida em que provocam para uma desconstrução de estereótipos e expectativas culturais de género

Os dados apontam para a vitimação física, como a segunda categoria de maior prevalência e com discreta ascendência, para ambos os géneros, interrogam as teorias que apresentam um fenómeno condicionado aos padrões etários e que induzem a convicção no princípio do abandono progressivo e inevitável da vitimação física na adolescência.

Tal como observado com a vitimação por exclusão social, a vitimação física, também apenas registou diferenças estatisticamente significativas entre os géneros na 1ª fase do estudo. Acrescente-se que o género feminino obteve um maior envolvimento na vitimação física (2ª fase do estudo) e verbal (3ª fase



do estudo) no «bullying pouco persistente», comparativamente ao masculino. Em termos de evolução dos comportamentos de vitimação física, verifica-se que em termos globais, o género feminino regista um maior aumento comparativamente ao masculino.

Interpretar a informação de que as diferenças entre os géneros se esbatem, requer considerar o contexto socializador concreto, de intenso convívio partilhado; de influências recíprocas e de re-construção conjunta de uma identidade humana, cada vez mais desapegada dos estereótipos de género. Escolhas de comportamentos são também influenciadas pelas expetativas culturais de cada género (Gini & Pozzoli, 2006), pelo que cada género assume uma forma de estar no mundo, ou seja, tornamo-nos sujeitos de género feminino e/ou masculino no interjogo das relações com os outros e com a cultura vigente.

Em relação ao cyberbullying, o estudo mostrou tratar-se de uma forma de agressão secundarizada pelos alunos embora o quotidiano seja pautado pela participação ativa nas redes sociais e pela familiaridade com as tecnologias de informação. Considerando a equiparação das crianças a «corposcyber» ou a «nativos digitais» patrocinada por alguns estudos (Bayne & Ross, 2007); bem como sua inserção num quotidiano pautado pela participação ativa nas redes sociais e pela familiaridade com as tecnologias de informação, não deixa de surpreender o baixo valor levantado no presente estudo, que confirma o cyberbullying como forma secundária de vitimar, embora ao longo do estudo se tenha registado ligeiro aumento.

O envolvimento do género feminino em situações de vitimação de *bullying* escolar, com o registo de valores superiores aos apresentados pelo género masculino, em diferentes categorias («bullying pouco persistente Físico» - 2ª fase do estudo- «bullying pouco persistente» e «persistente» por exclusão social - todas as fases do estudo - «bullying pouco persistente verbal» - 3ª fase do

estudo - e «bullying pouco persistente por cyberbullying» -1ª e 3ª fases do estudo), torna ainda mais pertinentes os questionamentos desencadeados por outros estudos ao constructo biológico, da assimetria do potencial de agressividade como um produto ou especificidade de género. Por outro lado, ao ter em consideração a evolução dos comportamentos de vitimação, os dados apontam para um aumento da vitimação física em ambos os géneros, sendo mais expressivo no feminino. No entanto, se o foco incidir sobre a vitimação por exclusão social, ambos os géneros no «bullying pouco persistente» registaram uma diminuição, de forma mais elevada no feminino. Na vitimação verbal apenas o género feminino regista um aumento dos comportamentos de vitimação verbal «pouco persistente», enquanto no masculino se observa uma diminuição ao longo do estudo.

Neste sentido, é preciso repensar a conservadora divisão de fronteiras, veiculada pelo projeto educativo escolar, entre o que sejam atividades e condutas próprias de um e de outro género. Mais do que pensarmos em territórios demarcados por condutas de género, há que pensarmos em garantirmos o direito à coexistência pacífica no ambiente escolar, enquanto eixo formativo de cidadania extensiva a todos os seus protagonistas. O abandono progressivo do ensino por géneros comprova a diluição de um modelo que, por muito tempo, foi considerado absoluto. Muito há ainda que avançarmos nesse terreno que tende a categorização e padronização de condutas e comportamentos. Passado o momento inicial de definições estruturais do fenómeno *bullying*, faz-se a hora de abordá-lo com um compromisso de investigação que não tema produzir conhecimento fora das margens dos estudos clássicos desenvolvidos. É dessa tentativa de olhar diferente, de buscar o novo, o detalhe, o particular e o global, até mesmo de revisar e confirmar, se for o caso, o que já foi produzido e, acima de tudo de um olhar interdisciplinar, que se constitui este trabalho de investigação longitudinal.

### Referências bibliográficas

- Alderson, P. (2005). Crianças como investigadoras. In P. C. A. James (Ed.), *Investigação com crianças - Perspectivas e Práticas* (pp. 261-280). Porto: Ediliber Editora de Publicações, Lda.
- Amado, J. (2010). *Da indisciplina escolar ao cyberbullying*. Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Amado, J., & Freire, I. (Eds.). (2002). *Indisciplina e violência na Escola - Compreender para prevenir*. Porto: Edições ASA.
- Baldry, A., & Farrington, D. (1999). Types of bullying among italian School children. *Journal of Adolescence*, 22 (3) 423-426.
- Bandeira, C., & Hutz, C. (2011). As relações entre bullying, gênero e autoestima na adolescência. In L. M. L. A. J. Barbosa, & M. B. Pereira (Ed.), *Bullying - Conhecer e Intervir*. Juiz de Fora: Editora UFJF.
- Barrio, C., Martin, H., Montero, I., & Gutiérrez, H. (2001). Bullying in Spanish secondary schools: A study on a national scale for the Ombudsman's Report School Violence. *The international Journal of Children's Rights*, 9 241-257.
- Bayne, S., & Ross, J. (2007). *The 'digital native' and 'digital immigrant' debate: a dangerous opposition*. . Paper presented at the Annual Conference of the Society for Research into Higher Education (SRHE), Brighton.
- Berger, K. (2007). Update on bullying at school: science forgotten? *Developmental Review*, 27, 90-126.
- Bjorkqvist, K., Lagerspetz, K., & Kaukainen, A. (1992). Do girls manipulate and boys fight? Developmental trends in regard to direct and indirect aggression. *Aggressive Behavior*, 18, 117-127.
- Carvalhosa, S. (Ed.). (2010). *Prevenção da Violência e do bullying em Contexto Escolar* (1ª ed.). Lisboa: Climepsi Editores.

- Carvalhosa, S., Lima, L., & Matos, M. (2001). Bullying – A provocação/vitimação entre pares no contexto escolar português. *Análise Psicológica*, 4(XIX), 523-537.
- Costa, P., Pereira, B., Simões, H., & Farenzena, R. (2011). *Vitimação em Contexto Escolar: Frequência e múltiplas formas*. Paper presented at the VII Seminário Internacional de Educação Física, Lazer e Saúde.
- Crick, N. R., & Grotpeter, J. K. (1995). Relational Aggression, Gender, and Social-Psychological Adjustment. *Child Development*, 66, 710-722.
- Fernandes, L., & Seixas, S. (Eds.). (2012). *Plano bullying: Como apagar o bullying da escola* (1ª edição ed.). Lisboa: Plátano editora, S.A.
- Freire, I., P., Veiga Simão, A. M., & Ferreira, A. S. (2006). O estudo da violência entre pares no 3º ciclo do ensino básico - um questionário aferido para a população escolar portuguesa. *Revista Portuguesa de Educação*, 19, 157-183.
- Genta, M., Menesini, E., Fonzi, A., Costabile, A., & Smith, P. (1996). Bullies and victims in schools in central and southern Italy. *European Journal of Psychology of Education*, XI, 997-110.
- Gini, N., & Pozzoli, T. (2006). The role of masculinity in children's bullying. *Sex Roles*, 54, 585-588.
- Glover, D., Gough, G., Johnson, M., & Cartwright, N. (2000). Bullying in 25 secondary schools: incidence, impact and intervention. *Educational Researcher*, 42(2), 141-156.
- Liang, H., Flisher, A., & Lombard, C. (2007). Bullying, violence and risk behavior in South African school students. *Child Abuse Neglect*, 31, 161-171.
- Martins, M. (2005). Agressão e Vitimação entre adolescentes, em contexto escolar: Um estudo empírico *Análise Psicológica*, XXIII (4), 401-425.
- Martins, M. (Ed.). (2009). *Maus - tratos entre adolescentes na escola*. Penafiel: Editorial Novembro.

- Matos, M., Negreiros, J., Simões, C., & Gaspar, T. (2009). Definição do problema e caracterização do fenómeno. In H. C. F. C. Ferreira-Borges (Ed.), *Violência, Bullying e Delinquência* (1ª ed.). Lisboa: Coisas de Ler Edições.
- Meyer, E. (Ed.). (2011). *Gender and sexual diversity in school: explorations of educational purpose* (Vol. 10). London-New York: Springer Dordrecht Heidelberg.
- Olweus, D. (1989). Prevalence and incidence in study of anti-social behavior: definitions and measurement. In M. E. Klein (Ed.), *Cross - national research in self-reported crime and delinquency* (pp. 187-201). Dordrecht, The Netherlands: Kluwer.
- Olweus, D. (1999). The Nature of School Bullying. A cross-national perspective. In P. Smith, Junguer-Tass.P., D. Olweus, R. Catalano & P. Slee (Eds.). London.: Routledge.
- Olweus, D. (1997). Bully/victim problems in school: Facts and interventions. *European Journal of Psychology of Education*, 12(4), 495-510.
- Olweus, D. (Ed.). (1993). *Bullying at school. What we know and what we can do*. Oxford e Cambridge: Blackwell.
- Paul, J., & Cillessen, A. (2007). Dynamics of Peer Victimization in Early Adolescence: Results from a Four-Year Longitudinal Study. In M. E. J. Zins, & C. Maher (Ed.), *Bullying, Victimization, and Peer Harassment - A Handbook of Prevention and Intervention* (pp. pp. 29-47). New York: The Haworth Press.
- Pellegrini, A. (2002). Bullying, victimization, and sexual harassment during the transition to middle school. *Educational Psychologist*, 37 (3), 151-163.
- Pereira, B. (1997). *Estudo e prevenção do bullying no contexto escolar - Os recreios e as práticas agressivas das crianças.*, Universidade do Minho, Braga.

- Pereira, B. (Ed.). (2008). *Para uma escola sem violência. Estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças* (2ª ed ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Ministério da Ciência e Tecnologia (MTC)
- Pereira, B., Costa, P., Melim, F., & Farenzena, R. (2011). Bullying escolar: Programas de Intervenção Preventiva. In M. L. Gisi & R. T. Ens (Eds.), *Bullying nas Escolas: Estratégias de Intervenção e Formação de Professores* (1ª ed., pp. 205). Curitiba - Brasil: Editora Unijuí da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul.
- Ramirez, F. C. (Ed.). (2001). *Conotações da agressividade humana*. Almada: McGraw-Hill de Portugal, Lda.
- Rivers, I., & Smith, P. (1994). Types of bullying behaviour and their correlates. *Aggressive Behavior*, 20(5), 359-368.
- Sanmartin, J. (2006). Concepto y Tipos. In Á. Serrano (Ed.), *Acoso y violencia en la escuela* (1ª ed., pp. 21-32). Barcelona: Editorial Ariel. S.A.
- Scheithauer, H., Hayer, T., Petermann, F., & Juger, G. (2006). Physical, verbal, and relational forms of bullying among German students: Age trends, gender differences and correlates. *Aggressive Behavior*, 32, 261-275.
- Shuster, B. (1999). Outsiders at school: The prevalence of bullying and its relation with social status. *Group Processes Intergroup Relations*, 2(2), 175-190.
- Skrzypiec, G., Slee, P., Murray-Harvey, R., & Pereira, B. (2011). School bullying by one or more ways: Does it matter and how do students cope? *School Psychology International*, 32(3), 288–311.
- Smith, P., & Sharp, P. (Eds.). (1994). *School bullying. Insights and perspectives*. Londres Routledge.
- Solberg, M., & Olweus, D. (2003). Prevalence estimation of school bullying with the Olweus Bully/Victim Questionnaire. *Aggressive Behavior*, 29(3).
- Storch, E., Masia-Warner, C., & Brassard, M. (2003). The relationship of peer victimization to social anxiety and loneliness in adolescence. *Child Study Journal*, 33 (1), 1-18.